

R — “Caro Fernando, segundo minhas observações modestas, creio que o médium na Terra pode servir aos espíritos que se comunicam, cedendo-lhes, provisoriamente, o corpo físico em que se encontra, e pode igualmente prestar-lhes cooperação, depois da existência física cedendo-lhes, também provisoriamente, o corpo de natureza espiritual em que se veja nas faixas de trabalho do Mais Além” (Chico Xavier).

P — Como vê ou espera ver a humanidade terrestre, digamos daqui a um milênio, no que se refere ao amor ao próximo, às guerras fratricidas, às doenças físicas, aos costumes sexuais, aos poderes da mente e do Espírito, à unificação das crenças e ao evoluir das religiões?

R — Com a cooperação do homem, a Divina Providência, no curso de um milênio, pode esculpir primores indefiníveis de paz e amor, progresso e união para a Humanidade. (Emmanuel)

VI — MENSAGENS DO CÉU À TERRA

Desde seu primeiro livro psicografado (**Parnaso de Além-Túmulo**), publicado em 1931, os Mentores Espirituais, através de Chico Xavier, constantemente se utilizam da poesia mediúnica como veículo para mensagens e informações espirituais, conceitos morais, filosóficos e religiosos destinados ao grande público.

Enquanto os meios literários, culturais e científicos debatiam e debatem a questão da autenticidade ou não dos autores e textos incluídos naquela e em outras obras e ela posteriores, debate que de resto se prolonga até a atualidade sem proveito notável ou solução, o médium Xavier prossegue perseverantemente captando em sua tarefa mediúnica a produção e o testemunho espiritual de autores com maior ou menor renome no campo das letras, sem falar nos que se apresentam sob pseudônimo, cujo exemplo mais notável é o do Espírito Humberto de Campos (Irmão X).

Desde a quadra popular, a trova, o soneto, até mesmo o alexandrino clássico, passando por todos os gêneros poéticos, tal produção copiosa, diversificada e constante aponta para uma única finalidade: evangelização com vistas à elevação espiritual da comunidade.

E quanto à autenticidade? Talvez possamos responder com outra indagação: haverá no mundo alguém que aceite a legitimidade da produção mediúnica de um autor desencarnado, se esse alguém, antes de mais nada, não acreditar na sobrevivência do espírito após a morte física? Como aceitar que um espírito conserve todos os dons e características de que se revestia quando na vida corpórea se tivermos posição firmada no conceito pelo qual a morte do corpo é o fim de tudo?

Daí por que se nos afigura que o importante não é a sustentação de um debate sobremaneira improfícuo e claramente inútil.

O ateísmo empedernido não cede passo nem mesmo ante as mais palpáveis manifestações da vida espiritual superior e exemplos de racionalização materialista não têm faltado ao longo do tempo, na vã tentativa de tudo reduzir ao nível da ciência experimental e ou do sensório.

A certeza na imortalidade da alma e na manifestação dos Espíritos só a adquirimos ao longo dos séculos de vivências em reencarnações sucessivas.

No presente caso, o essencial, portanto, é atermo-nos ao conteúdo das produções poéticas recebidas através da mediunidade de Chico Xavier. Não raro surgem jóias do mais puro quilate, quais as que transcrevemos a seguir:

Desencarnei é verdade
Mas prodígios não me peças
Já tenho a infelicidade
De ver o mundo às avessas.

(Raul Pederneiras)

Ouvi alguém que dizia
— Lá se vai o poeta morto
Sem perceber a alegria
Do sonho chegando ao porto.

(Adelmar Tavares)

Prazeres gerando trevas?
A vida é uma grande escola;
A cruz pesada que levas
É a força que te controla.

(Antônio Martins)

Veja assim o ensinamento:
Vida correta é dever,
Vale mais sofrer na vida
Que a gente fazer sofrer.

(Cornélio Pires)

Para a complementação deste capítulo, recebemos de Chico Xavier as produções mediúnicas de Espíritos diversos a seguir reproduzidas.

Oração de sempre

Senhor Jesus!

Entre as forças que Te servem, reconheço a minha quase total desvalia. Entretanto, graças à Tua bondade, na fé que me concedeste guardo um valor que me honra, embora as imperfeições que ainda carrego.

Apesar da migalha de colaboração que Te possa oferecer, no crédito que me confias, auxilia-me a ser útil em Teu serviço.

Nas horas de crise, induze-me a ser a esperança daqueles que estejam esmorecendo no dever a cumprir; nas discórdias que encontre, coloca em meus lábios a palavra de tolerância e união; no tumulto, conserva-me em Tua serenidade para que eu seja uma nota de paz; junto aos irmãos que ainda não consigam trabalhar, faz que, de algum modo, possa eu substituí-los sem queixa; em minhas necessidades atendidas não me consintas menosprezar os companheiros que ainda não disponham dos recursos que me emprestas e nos dias de penúria e dificuldade, nos quais me levas a aprender paciência e coragem, não me permitas humilhar a ninguém.

Senhor, ensina-me a ser o pensamento que modela o bem, o sentimento que compreenda e perdoe, o olhar que vê sem malícia, o ouvido que escuta a aspereza sem transmiti-la aos outros, a mão que trabalha e protege; e a voz que esclarece e abençoa sem azedume ou condenação.

Servir é o único meio de renovar-me, segundo os Teus ensinamentos. Ajuda-me a agir e servir, sem qualquer idéia de cansaço ou compensação; e, se não posso ombrear com as inteligências que se transformam em chamas de Teu amor para engrandecerem a vida, deixa, Senhor, que eu seja, entre os irmãos de experiência e de prova, um pequenino raio da Tua luz. (Meimei)

Anotações no caminho

Não podes negar que o progresso no mundo te criou exigências de todo porte.

Vivendo numa época dedicada ao culto da velocidade, em que necessitas correr, mentalmente, no encalço das horas, a fim de satisfazer aos próprios encargos, é indispensável adotes a serenidade por suporte de todas as decisões.

★ ★ ★ ★ ★

Quanto mais complexidade nos assuntos, mais compreensão para clareá-los.

Quanto mais urgência, mais calma.

★ ★ ★ ★ ★

Imaginemos o corpo físico na posição do carro que diriges.

Os preceitos de paz que asseguram a consciência tranqüila assemelham-se aos sinais do trânsito.

E as várias províncias do envoltório físico lembram peças de constituição específica a exigirem cuidado para que não se desgastem sem razão.

Aproveitemos o lembrete para fixar o respeito que nos cabe às próprias condições e às condições alheias, de modo a não nos perdermos em cogitações inúteis.

★ ★ ★ ★ ★

Em quaisquer circunstâncias, abstém-te de avançar no regime da precipitação desnecessária.

Não atraveses, à frente dos companheiros, em ocasiões nas quais semelhantes manobras são desaconselháveis.

Não exijas que os outros viajem na Terra em veículos iguais ao teu, conformando-te com a realidade de que nas estradas cada pessoa segue a seu modo.

★ ★ ★ ★ ★

Compadece-te dos irmãos do caminho que se mostrem inábeis, imprudentes, distraídos ou disparados, ignorando os perigos da rebeldia e da indisciplina.

Em suma, escora-te na paciência e exerce a tolerância, amparando o próximo quanto puderes, de vez que empregando a paciência e a tolerância, onde estiveres, auxiliarás aos próprios Mensageiros da Providência Divina para que eles também te possam auxiliar. (Emmanuel)

Memorando

Reclamas alfinetadas
E choras por ninharia,
Mas não percebes o amparo
Que recebes dia a dia.

Enquanto vives no mundo,
Ante o corpo que te encerra,
Não sabes quanto socorro
Que te vem do Céu à Terra.

Sais de casa, muitas vezes,
Regressando, indiferente;
Entretanto, desfrutaste
O auxílio de muita gente.

Espíritos generosos
Em sustentando-te a paz,
Guardaram-te os aposentos,
Cerraram bicos de gás.

Outros muitos te garantem
Encontros, lucros, recados,
Trabalhando na memória
De parentes e agregados.

Na doença, ante os remédios,
Que te suprimem a dor,
Colhes o apoio invisível
Dos mensageiros de Amor.

Por muitas bênçãos que encontres
Nas pessoas benfazejas,
São muitas mãos de outros planos
Que te ajudam, sem que as vejas.

Nas provas inevitáveis,
Evita a lamentação,
O Céu te auxilia sempre
Sem contas de gratidão.

(Casimiro Cunha)

Chaves libertadoras

Desgosto

Qualquer contratempo aborrece.
No entanto, sem desgosto, a conquista de experiência é
impraticável.

Obstáculo

Todo empeco atrapalha.
Sem obstáculo, porém, nenhum de nós consegue
efetuar a superação das próprias deficiências.

Decepção

Qualquer desilusão incomoda.
Todavia, sem decepção, não chegamos a discernir o
certo do errado.

Enfermidade

Toda doença embaraça.
Sem a enfermidade, entretanto, é muito difícil con-
solidar a preservação consciente da própria saúde.

Tentação

Qualquer desafio conturba.
Mas, sem tentação, nunca se mede a própria resistên-
cia.

Prejuízo

Todo golpe fere.
Sem prejuízo, porém, é quase impossível construir
segurança nas relações uns com os outros.

Ingratidão

Qualquer insulto à confiança estraga a vida espiritual.
No entanto, sem o concurso da ingratidão que nos
visite, não saberemos formular equações verdadeiras nas
contas de nosso tesouro afetivo.

Desencarnação

Toda morte traz dor.
Sem a desencarnação, porém, não atingiríamos a
renovação precisa, largando processos menos felizes de
vivência ou livrando-nos da caducidade no terreno das
formas.

Comprendamos, em face disso, que não podemos
louvar as dificuldades que nos rodeiem, mas é imperioso
reconhecer que, sem elas, eternizaríamos paixões, enganos,
desequilíbrios e desacertos, motivo pelo qual será justo
interpretá-las por chaves libertadoras, que funcionam em
nosso espírito, a fim de que nosso espírito se mude para o
que deve ser, mudando em si e fora de si tudo aquilo que
lhe compete mudar.

(André Luiz)

Paz e vida

Todos estamos concordes, quanto ao imperativo de se
colaborar na sustentação da paz.

A paz, no entanto, é uma construção quase sempre mais difícil que qualquer outra que se levante sobre estruturas materiais.

O próprio Jesus quando prometeu aos companheiros: “a minha paz vos dou”, não fez semelhante afirmativa senão depois do extremo sacrifício.

Se nos propomos a contribuir na preservação da harmonia, em nosso grupo doméstico ou social, aprendamos a compreender os outros, a fim de auxiliá-los, sempre que preciso, a se ajustarem ao esquema de equilíbrio, sobre o qual as leis da vida se executam.

Tantas vezes aspiramos a alcançar a paz, exigindo-a de pessoas que, em muitas ocasiões, jazem às portas do desespero, aguardando algum gesto de simpatia, capaz de aliviá-las na tensão que as aflige.

Se queres serenidade nas criaturas queridas, procura envolvê-las em tua própria serenidade, porquanto a paz é um sentimento que se transmite, de coração para coração.

Às vezes, é indispensável renunciar à alegria própria, a fim de que se veja a alegria brilhar na face daqueles que nos compartilham a existência. Para isso, é necessário operar no câmbio da compreensão, pelo qual entregamos a outrem aquilo que careçamos receber.

Nesse sentido, freqüentemente, aqueles que te pareçam ferir, em verdade, muito te amam, entretanto, provisoriamente se inclinam para estradas e tarefas que se relacionam com eles e não contigo.

Se podes entender essa realidade, estás em condições de produzir a paz.

E chegados a esse ponto de nossas experiências, penetraremos esta profunda lição da vida que resumimos aqui em poucas palavras: “a paz que se dá é a paz que se tem”. (Meimei)

Façamos de conta

Nas lides comuns, talvez
Não saibas, alma querida,
Quanto vale em plena vida
Qualquer migalha de amor;

Tão depressa corre o tempo,
Que nem sempre se avalia
Nas bênçãos de cada dia
A larga extensão da dor.

Reflitamos quanto a isso ...
Provação é trilha em fogo.
Façamos nós este jogo
De pura imaginação:
Se sofrêssemos no mundo
Penúria e aflição no lar,
Saberíamos notar
O imenso valor de um pão.

Em lugar das mães aflitas,
De tristes pais sem trabalho,
Meditando no agasalho
Para os filhos quase nus;
Na condição da criança
Sozinha e desamparada,
Qual seria a nossa estrada
Sem pouso, sem paz, sem luz ? ! ...

Lembra o “façamos de conta ...”

Em meio de tanta gente
Cansada, triste ou doente
Dos caminhos teus e meus,
Teríamos num lençol,
Numa fatia de bolo
Ou num gesto de consolo
Mensagens e dons de Deus.

(Maria Dolores)

Ensino e vida

— “A morte, meus irmãos, é coisa à-toa”
— Pregava Nhô Picanço Albergaria —
“A morte é o despertar em novo dia,
Na luz de nova vida clara e boa”...

“Considero infeliz toda pessoa
Que não sabe morrer como devia,
Medo da morte é pura covardia ...
A morte é a vida que nos abençoa...”

Mas nisso, um maribondo entrou de manso,
E ao ferroar o peito de Picanço,
Fez-se na sala um bafafá tremendo ...

Caindo, ele gritou de voz opressa:
— “Estou de enfarte! ... Um médico depressa! ...
Socorro, meus irmãos, que estou morrendo!” ...

(Cornélio Pires)

Em nós

Se já acordaste para as realidades do Espírito, medita
nas oportunidades de elevação que te felicitam na Terra,
a fim de aproveitá-las.

★ ★ ★ ★ ★

Pensa, primeiro, na estreiteza do tempo que desfrutas
e observa, em teu próprio campo de ação, as tuas imensas
possibilidades de servir.

★ ★ ★ ★ ★

Se deténs o supérfluo, recorda que a vida te chama,
buscando ensinar-te a difícil ciência de administrar e dis-
tribuir com justiça e discernimento.

★ ★ ★ ★ ★

Se atravessas as provações da carência, é que as cir-
cunstâncias te compelem a trabalho árduo, de modo a
superá-las, educando a própria vontade para que consigas
operar futuramente na edificação do porvir de felicidade e
abastança que te propões a atingir.

Se te encontras num corpo doente, é preciso lembrar
que os princípios da vida te permitem treinar paciência e
disciplina, coragem e esperança, em teu proveito próprio.

★ ★ ★ ★ ★

Se te vês em meio de familiares e companheiros di-
fíceis, eis-te no cotidiano com as pessoas certas, com as
quais necessitas adquirir tolerância e compreensão.

★ ★ ★ ★ ★

Diante dessa ou daquela ofensa, reconhecer-te-ás na
época adequada de exercitar perdão e entendimento.

★ ★ ★ ★ ★

Presença no Plano Físico significa internação em escola
edificante.

★ ★ ★ ★ ★

Reflete na lei da mudança que altera incessantemente
situações e pessoas, quadros e processos dos quais te vales
para a execução das tarefas que te vinculam provisoriamen-
te ao mundo, e então perceberás que o centro de todas as
soluções dos nossos problemas está irreversivelmente em nós
mesmos. (Emmanuel)

Vida livre

Ele casava a filha numa festa
E o sitiante, em meio aos convidados,
Explica sobre o filho que lhe resta:

— Meu rapaz, um gigante de destreza,
É criado, conforme a natureza.
Vai por todos os lados,
Estuda como quer e quando quer.

Homem é diferente de mulher,
Não se deve mostrar com ares de menina,
Nada de contenção ou disciplina.
Endimião, meu filho, é um atleta perfeito.
Não só isso. É uma grande inteligência,
Sem qualquer pensamento acovardado e estreito.
É livre para toda experiência
Em que deseje realizar-se,
Sem máscara, sem freio, sem disfarce ...

Aparecendo a pausa, um amigo aparteia:
— Mas, coronel, e a lei da educação?
— A educação — replica o interpelado —
Nunca foi o tabu que se receia,
É caminho do impulso liberado
Para elevar a civilização.

Era assim o sitiante: um homem singular.
A palestra, porém, fora rompida.
A filha e o genro estavam a chegar,
Morariam não longe do lugar
E apresentavam-se contentes
Para o abraço de terna despedida.

Endimião, em plena juventude,
Era dono da força e da saúde.

Dois anos findos sobre o relatado
No longo entardecer de um dia quente,
Eis o rapaz surgindo, de repente,
No sítio do cunhado.
A irmã tanto se alegra quão se espanta,
Estava a sós com velha governanta;
O marido ausentara-se em serviço...
Um dia apenas, breve compromisso.
O rapaz se declara de passagem,
Diz-se ansioso por seguir viagem ...
Mas a irmã, em diálogo escondido,
Roga-lhe: — Fica, irmão, estou desorientada,

Tenho medo da noite ... Meu marido
Deixou comigo, em caixa resguardada,
Duzentos e cinquenta mil cruzeiros ...
A nossa governanta é pessoa cansada,
Nossos poucos peões e alguns vaqueiros
Não residem tão perto ...
Este sítio é um lugar quase deserto,
Somente em nossos cães consigo companheiros ...
A noite se avizinha,
Temo ficar sozinha,
Tenho medo, confesso ...

O irmão sorriu e esclareceu: — Não posso,
Agora me despeço,
Tenho grande jornada
Para vencer até o fim do dia ...
E acrescentou, num gesto de alegria:
— Irmã, não tenhas medo,
Ninguém sabe o que guardas em segredo.
Deixando a moça amedrontada,
Saiu no próprio carro em disparada.

Mas, depois de uma hora,
Eis que ali chega, inopinadamente,
O conhecido pai da estimada senhora.
Soubera o genro ausente, por um dia,
E viera fazer-lhe companhia.

Júlio, reencontro e lembranças do lar,
O diálogo segue ativo e manso
Até que se despedem, a buscar,
No silêncio noturno, a bênção do descanso.

Alta noite, em seu quarto, a senhora desperta,
Tem pela frente um homem mascarado,
Que lhe aponta um revólver, lado a lado,
E lhe diz numa voz estranha e sibilante:
— É um assalto,
Quero todo o dinheiro,

Toda a quantia por inteiro ...
Ouvi o seu marido a conversar na praça
E exijo a soma toda ...

Atônita, a senhora, a tremer e a tremer,
Ergue-se à luz do luar que vem pela vidraça
E põe-se a obedecer ...
Segue na direção da caixa que lacrara,
No entanto, o genitor já despertara ...
Pé ante pé, caminha armado,
Faz luz que jorra, em cheio, no salão,
E atira sobre o homem mascarado
Que se estira no chão.
Acorrem servidores prestimosos
E o defensor da filha solícita,
Ante a senhora, agoniada e aflita:
— Que alguém me desmascare este sujeito,
Não se importem com o sangue a borbulhar no peito,
Quero ver esta cara de ladrão ...

Sob as mãos calejadas na lavoura,
Primeiro, surge a cabeleira loura,
Depois, em dolorosa exclamação,
Todos gritam um nome: "Endimião! ..."

O pai que dera o filho à liberdade
Sem ressalva, sem base, sem suporte,
Cai sobre o filho, agora entregue à morte,
Sobre quem arrojara o rápido gatilho
E clama a estremecer em convulsivo pranto:
— Oh! Deus, por que matei o filho que amo tanto? ! ...
Socorre-me, Senhor! ... Ah! — ... meu filho, meu
filho! ...

(Maria Dolores)

Zeca Leal

Morre Zeca Leal numa palhoça,
Morre a sós quem servira a vida inteira ...
Faz calor ... Cantam aves na mangueira ...
Depois, é a noite, a sombra que se engrossa ...

Morre Leal lembrando o milho, a eira,
O cafezal imenso, além da roça ...
Nisso, aparece um moço à choça ...
— "Quem é?" — murmura o pobre em voz rasteira.

— "Já não agüento mais minhas feridas!..."
O moço toca as chagas doloridas
E diz: "Eu sou Jesus! Vim socorrê-las! ..."

Leal entrega o corpo à terra fria
E segue o Cristo em pranto de alegria,
Numa estrela mais clara que as estrelas! ...

(Cornélio Pires)